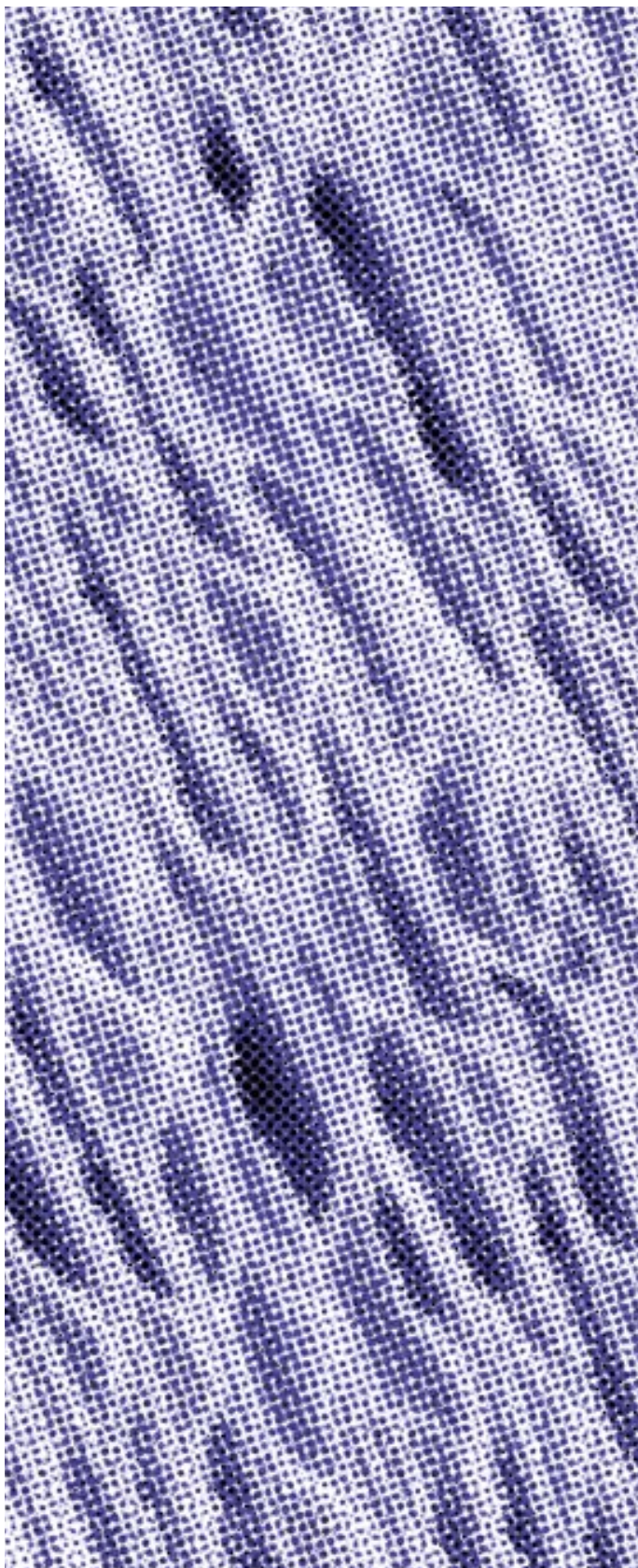


ATIVISMOS DO TEXTO: MANIFESTOS, COMPROMISSOS, CARTAS, DECLARAÇÕES.

Activismos del texto: manifiestos,
compromisos, cartas, declaraciones.

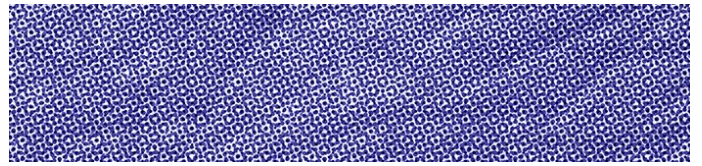
Activism of the text: manifestos,
commitments, letters, statements.



**Cooperativa de
Mulheres Artistas 478**

O Doméstico é Político

Domestic is Political



O DOMÉSTICO É POLÍTICO

DOMESTIC IS POLITICAL

Resumo: O texto parte da experiência de fundação da Cooperativa de Mulheres Artistas para fazer uma reflexão sobre a associação entre mulher e espaço doméstico e a diferenciação histórica entre trabalho “produtivo” e “reprodutivo”; questões agravadas pela crise sanitária causada pela Covid-19. Os atravessamentos entre trabalho artístico e doméstico e o desafio de inserção de mulheres em um mercado de arte patriarcal, racista e elitista mobilizam as ações da Cooperativa e se expressam na “Manifesta”, escrita em janeiro de 2019 e apresentada ao fim do texto.

Palavras-chave: Arte; Doméstico; Feminismo; Casa; Cooperativa

Abstract: This article takes the experience of the foundation of Cooperativa de Mulheres Artistas (Women Artists Cooperative) as a starting point to reflect about the association between women and domestic space and the historical differentiation between “productive” and “reproductive” work, issues aggravated by the Covid-19 sanitary crisis. The crossings between artistic and domestic work and the challenge of the women insertion in a racist, elitist and patriarchal Art Market move the Cooperativa’s actions and are expressed in the “Manifesta”, written in January 2019 and presented at the end of the text.

Keywords: Art; Domestic; Feminism; House; Cooperative

A Cooperativa de Mulheres Artistas nasceu na Residência de Mulheres Artistas, realizada na Serrinha do Alambari / RJ, em janeiro de 2019. Esta “autorresidência” foi organizada por doze mulheres que co-habitaram o espaço por sete dias. Regurgitamos a casa para em seguida iniciarmos um processo de elaboração sobre os modos de habitar, cuidar e trabalhar. A presença de sete crianças foi incluída e, junto delas, uma abertura para pensar novas formas de maternidade.

Durante o processo, uma pergunta insistiu em se fazer presente: é possível criar em meio ao que nos é imposto como obrigação nos cuidados domésticos? Procuramos desconstruir essa pergunta habitando a casa e experimentando outros modos de ocupá-la.

A associação histórica entre o feminino e a casa é atravessada pelas desigualdades da sociedade brasileira. Atualmente no Brasil são 7,7 milhões de

famílias sem moradia em oposição a 7,9 milhões de imóveis vazios – um abismo intransponível. Dados do IPEA indicam que 40,5% das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres, um fato que não se reflete necessariamente em autonomia: na cidade de São Paulo, por exemplo, maior metrópole do país, apenas 33% das residências são propriedade de mulheres, que correspondem a 52% da população (SPÉCIE; JACOB, 2017). Patrimônio versus matrimônio? O que os dados nos dizem a respeito do lugar ocupado pela mulher na sociedade?

O tensionamento entre vida pública e vida privada, e a definição de tarefas produtivas e reprodutivas ainda se apresentam como pautas urgentes para a luta feminista. Ao longo dos últimos setenta anos, mulheres ampliaram seus direitos e conquistaram espaços na vida pública em diversos países, ainda que com salários inferiores, situações precárias e jornadas duplas em suas casas. Avanços como a equidade salarial, a representatividade em cargos públicos ou a legalização do aborto são, no entanto, muitas vezes ameaçados por reações conservadoras, como observamos atualmente no Brasil.

Uma parcela significativa da sociedade brasileira estimula que as mulheres voltem aos seus lares e se comportem de acordo com sua suposta “biologia”. Assim, faz-se necessário enfrentar o ideal feminino fundado nos bons

costumes e na moral europeia do século XIX, que associam o lugar da mulher ao ambiente reservado da família, onde seu papel é manter o funcionamento do lar. Desde sua estruturação política, a vida privada é diferenciada da vida pública: a vida na *pólis* constituiu-se como o espaço de discussão política, enquanto o lar mantinha em segredo os modos de violências e desigualdades restritos às mulheres, aos escravizados e às crianças.



Pedra. Serrinha do Alambari, 2018. Série de fotografias realizada na autorresidência. Arquivo da Cooperativa.

Atualmente, aos três meses de isolamento social devido à pandemia Covid-19, a experiência coletiva da quarentena colocou o espaço doméstico em evidência, reverberando questões que as feministas discutem há tempos. Quem pôde ficar em casa observou a jornada do trabalho doméstico atravessar a do trabalho remunerado. O doméstico tornou-se um espaço ao mesmo tempo “produtivo” e “reprodutivo”, evidenciando a arbitrariedade da

distinção entre o trabalho que deve ser remunerado e aquele considerado gratuito. Como já observava Silvia Federici no histórico texto “Salários contra o trabalho doméstico” de 1975:

Essa fraude que se esconde sob o nome de “amor” e “casamento” afeta a todas nós, até mesmo se não somos casadas, porque, uma vez que o trabalho doméstico é totalmente naturalizado e sexualizado, uma vez que se torna um atributo feminino, todas nós, como mulheres, somos caracterizadas por ele. [...] Podemos não servir a um homem, mas todas estamos em uma relação de servidão no que concerne ao mundo masculino como um todo (FEDERICI, 2019, p. 46).

Segundo o levantamento do IBGE

em 2019, mulheres gastam bem mais horas de trabalho doméstico (18,5) em relação aos homens (10,4). Novos fatores intensificam este trabalho, como a suspensão do funcionamento das escolas, o aumento dos cuidados de saúde e higiene devido ao risco de contágio, o cuidado especial com os idosos, as desigualdades de classe e raça, a precariedade de moradias e serviços públicos básicos, a violência doméstica e a violência policial, e já podemos prever que o risco e a sobrecarga sobre mulheres são crescentes, especialmente entre

negras e pobres. A saída do isolamento social, com a retomada progressiva das atividades presenciais, também colocou mães em posição difícil, já que as escolas estão entre as últimas atividades a serem normalizadas e muitas mulheres não têm com quem deixar suas crianças para trabalhar fora de casa.

No campo da produção científica,

comparativos indicaram uma queda relevante na submissão de artigos escritos por mulheres no período de quarentena, especialmente como primeiras autoras (CANDIDO; CAMPOS, 2020). Na linha de frente da luta contra a pandemia, mulheres compõem 78,9% dos profissionais de serviços de saúde, ocupando maioria absoluta em todas as profissões de cuidado de indivíduos, com a exceção da medicina (47,5%), que tem maior valorização salarial (HERNANDES; VIEIRA, 2020). Ainda não há dados específicos sobre gênero na mortalidade de profissionais de saúde por Covid-19 no Brasil, porém Itália e Espanha já indicam uma tendência: respectivamente 66% e 72% dos óbitos são femininos – ainda que o vírus tenha índice de maior mortalidade masculina na população como um todo.¹

Como vemos, mulheres estão na linha

de frente do trabalho de cuidado, o que as coloca sob maior risco e as sobrecarga, dentro e fora de casa. Uma casa que pode ser tão diversa quanto são as situações de mulheres no Brasil.

Porto seguro ou cárcere? Lugar de conforto ou confinamento? O aumento da violência doméstica e a dificuldade de denunciar durante a quarentena são preocupações crescentes. O doméstico é também político.

Estas questões, que já se apresentavam para nós à época da criação da Cooperativa de Mulheres Artistas, tornaram-se cada vez mais inquietantes. Acrescentamos ao cenário a grande recessão econômica prevista para os próximos anos e a crise ecológica e climática – em que, novamente, mulheres de países pobres figuram como o grupo mais vulnerável aos impactos (NELLEMANN; VERMA; HISLOP, 2011) – e observamos uma tendência de crescente precarização, pobreza, exploração e violência para mulheres. A pluralidade de formas de ser mulher, discrepantes realidades sociais, e os diversos feminismos que se expandem no presente demonstram a complexidade da luta feminista diante das formas de opressão contra a mulher – entre elas, o doméstico como espaço de violência e exploração de sua força de trabalho, o que nos faz questionar: de que doméstico estamos falando?

Dessa forma, inspirada por experiências como a *Womanhouse*², nossa residência em 2019 buscou a desconstrução do lugar instituído à mulher na casa, assim como à mulher artista no campo da arte. Retiramos objetos de sua ordem ordinária; fizemos da sala de jantar nosso espaço de escrita

coletiva; a cozinha e o jardim se tornaram lugares de performances; as interrupções das crianças adentraram os processos artísticos; afinamos nossas escutas e engravidamos de palavras; nos contaminamos umas com as outras formando uma rede de criação e cuidado para transbordar em agenciamentos político-artísticos. Como poderá ser a experiência de um doméstico rebelde como espaço potencial de criação, atravessado constantemente pelo fora?

Como nos inspira Lygia Clark: se a casa é o corpo, qual é a casa dos corpos livres? A Cooperativa surgiu dessa experiência compartilhada e das frequentes discussões do grupo sobre estas questões, bem como sobre os desafios impostos ao tentar adentrar um mercado de arte que, como todos os sistemas não-solidários, é construído sobre a exclusão e a especulação dos valores do que é vivo. A partir da percepção de que este sistema não nos contempla e não é suficiente, assim como inspiradas por diversas autoras e pela história da luta feminista, escrevemos um manifesto que funda a Cooperativa e tem como proposição criar fissuras nos modos de operação do circuito econômico e político da arte.



Casa Seuvagi, 2020. Bordado sobre linho. O trabalho integra o conjunto de cartazes realizados pela Cooperativa de Mulheres Artistas. Arquivo da Cooperativa

MANIFESTA CoMA

Hoje fundamos a Cooperativa de Mulheres Artistas. Somos mulheres, artistas, professoras, curadoras, pesquisadoras, estudantes, ativistas, _____, mães, não-mães.

1. O mercado da arte, como todos os sistemas não solidários, é construído sobre a exclusão e a especulação dos valores do que é vivo. É masculino, patriarcal, racista e elitista. Não nos contempla, não é suficiente.

Criar é enorme. Tratamos do cuidado. Estamos com o peito inchado.

1. Cooperativa, colaboração ativa, experiências e resultados compartilhados. Nossa proposta é construir, acolher, distribuir, mas principalmente criar fissuras no modo de operação do mercado. Nosso corpo coletivo é uma estratégia de transformação para um novo modo de economia artística.

A Cooperativa é uma metodologia de ação. Cooperar em seu caráter performático. Trabalhar a partir da não-competitividade, buscando uma estética conectiva.

A Cooperativa é uma obra.

1. Não temos pretensão de unificar, responder ou solucionar todos os problemas que se colocam às mulheres. Buscamos desvelar os mecanismos de operação da arte e instaurar outras possibilidades. Habitamos o fazer artístico em experiência compartilhada. A arte não pode ser um monólogo.

Não dou conta. A conta não fecha. Eu faço de conta. Todas somos muitas. Morte ao patrão. Vamos colocar a banca. O corpo é próprio, mas não estou sozinha.

1. A casa não será mais um espaço de confinamento. A louça, as crianças, o cuidado, o conflito, a limpeza, a comida, a roupa suja, o aluguel, a dúvida: tudo é desejo e também fardo, informa e forma o fazer artístico. Todos esses trabalhos não estão

refletidos nas valorações econômicas que a sociedade patriarcal organiza. A autonomia financeira é uma parte chave da emancipação da mulher. O doméstico e a manutenção da vida também são partes do processo artístico.

Devorar a casa. Habitar é demorar-se. Nossas mãos e mesas estão cheias de roupas e livros. Gotas de angústia. Todo sintoma é acolhido; toda dor é compartilhada. Os filhos são mal vistos nas vernissages. Como continuar o trabalho quando a criança está com febre?

1. Nosso prazer é político. O nosso gozo é um grito. Estamos e não estamos mães. Estamos no estado de cuidar e de sermos cuidadas. Cuidar para não desistir. Cuidar do desistir. Sinto culpa. Chega do romantismo e da obrigatoriedade da maternidade. Eu me masturbo, tu te masturbas, nós nos masturbamos.

O corpo feminino pressupõe riscos. Roupas sujas se lava fora de casa. Nossa presença modifica o espaço público. Nenhuma violência é só doméstica. Coragem é acolher o medo. Ser mulher é uma multiplicidade. Invocamos outros imaginários: foram muitas antes de nós, as lutas feministas nos formam e alimentam.

1. Provocar o curto-circuito: outros modos de operação produtivos e reprodutivos. A exposição é

uma tática, mas não é a única. A experiência, seus sujeitos e objetos, convivências, o estar continuamente contaminado. Complexificar os ideais de sucesso. Complexificar o ser mulher, do biológico ao corpo social. Compreendemos a mutabilidade do corpo físico como uma construção de identidades e encontros. Pelo direito ao corpo em sua estranheza. Desgenitalizando o binário, desbinarizando o gênero.

A vulnerabilidade é necessária para a transformação. Não há empatia sem vulnerabilidade. Juntas, nossas loucuras encontram abrigo. E só cabe a nós nomear nossas próprias loucuras.

Precárias venceremos.

Janeiro de 2019

¹ Para dados detalhados durante a crise sanitária Covid-19, ver o artigo: HERNANDES, Elizabeth Sousa Cagliari; VIEIRA, Luciana. A guerra tem rosto de mulher: trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19, 2020. In: ANESP Associação Nacional dos Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental, 2020. Disponível em: <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19>. Acesso em: 15 jun 2020.

² A Womanhouse foi realizada em 1972 e liderada por Judy Chicago e Miriam Schapiro. Diversas artistas mulheres ocuparam uma casa em Los Angeles e promoveram renovações na sua estrutura e ações artísticas.

Sobre a cooperativa: A *Cooperativa de Mulheres Artistas* tem como proposta a construção de novos modos de agenciamento no campo da arte contemporânea. Nosso corpo coletivo é heterogêneo, composto de artistas, educadoras, curadoras, pesquisadoras, psiquiatra, poetas, ativistas, mães e não-mães.

Referências:

FEDERICI, Sílvia. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

FONTOURA, Natália; REZENDE, Marcela; LOBATO, Ana Laura; MOSTAFA, Joana. *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 20 anos*, [201-]. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_apresentacao_retrato.pdf. Acesso em: 15 jun 2020.

UKELES, Mierle Laderman. *Manifesto for Maintenance Art. Proposal for an exhibition "CARE"*, 1969. Disponível em: https://www.queensmuseum.org/wp-content/uploads/2016/04/Ukeles_MANIFESTO.pdf. Acesso em: 15 jun 2020.

NELLEMANN, Christian; VERMA, Ritu; HISLOP, Lawrence (eds). *Women at the frontline of climate change: Gender risks and hopes*. Noruega: United Nations Environment Programme, GRID-Arendal, 2011

CANDIDO, Marcia Rangel; CAMPOS, Luiz Augusto. *Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres*, 2020. In: *DADOS Revista de Ciências Sociais*. IESP, UERJ, 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>. Acesso em: 15 jun 2020.

HERNANDES, Elizabeth Sousa Cagliari; VIEIRA, Luciana. *A guerra tem rosto de mulher: trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19*, 2020. In: *ANESP Associação Nacional dos Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental*, 2020. Disponível em: <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19>. Acesso em: 15 jun 2020.

SPÉCIE, Priscila; JACOB, Miguel. *As mulheres são donas de uma São Paulo duas vezes menor do que os homens: por quê?*, 2017. Disponível em: <https://cepesp.wordpress.com/2017/11/08/as-propriedade-imobiliaria-das-mulheres-em-sao-paulo/>. Acesso em: 15 jun 2020.

WANDERLEY, Ed; BARROS, Lorena. *Déficit habitacional atinge maior marca em 10 anos; solução pode vir da Academia*, 2019. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2019-08-31/deficit-habitacional-atinge-maior-marca-em-10-anos-solucao-pode-vir-da-academia.html>. Acesso em: 15 jun 2020.